



Prática pedagógica na Escola Estadual Professor José Rollemberg Leite, Aracaju, SE

IVANA SILVA SOBRAL

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Prática pedagógica na Escola Estadual Professor José Rollemberg Leite, Aracaju, SE

Eixo temático 19. Educação e Ensino de Ciências Humanas e Sociais

Resumo

Vivenciar a realidade da escola pública é fundamental para que os alunos compreendam os desafios impostos aos professores no dia a dia da sala de aula. Para tal, é necessário considerar o aluno como sujeito do processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, o presente trabalho objetivou analisar criticamente a prática pedagógica em Geografia na Escola Estadual Professor José Rollemberg Leite. Tal prática aconteceu durante disciplina Estágio Supervisionado em Geografia III da Universidade Federal de Sergipe, por meio da observação e da experiência em sala de aula na turma do 9º ano B. Durante o estágio, observou-se que as dificuldades dos alunos em desenvolver seus conhecimentos estão atreladas, sobretudo, à deficiência em leitura e interpretação de texto. Para mudar esta realidade faz-se necessário uma educação que forneça bases sólidas a de transformação social.

Palavras-chaves: Escola Pública. Estágio Supervisionado. Ensino de Geografia.

Abstract

Experience the reality of public schools is critical for students to understand the challenges facing teachers in the daily classroom. To do this, we need to consider the student as the subject of the teaching-learning process. Therefore, this study aimed to critically analyze the teaching practice in Geography at the State School Professor José Leite Rollemberg. This practice took place during discipline Supervised Internship in Geography III of the Federal University of Sergipe, through observation and experience in the classroom in the class of 9th grade B. During the stage, it was observed that students' difficulties in developing their knowledge are linked mainly to the deficiency in reading and interpreting text. To change this situation it is necessary an education that provides a solid foundation for social transformation.

Keywords: Public School; Supervised Internship; Geography Teaching

1. INTRODUÇÃO

O estágio Supervisionado em Geografia é fundamental para que o graduando coloque em prática os conteúdos adquiridos durante a Licenciatura. É um momento de o aluno testar seus conhecimentos e aprimorá-los em prol de uma atuação docente crítica.

De acordo com FAVERO (1992), não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional.

É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma”.

O Decreto nº 87.497, de 18 de agosto de 1982, que dispõe sobre o estágio de estudantes de ensino superior, considera estágio curricular como sendo as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizadas na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino (BRASIL, 1982).

O relatório de estágio constitui no relato da experiência na formação do professor de Geografia. É essencial para que o futuro professor reflita a docência e perceba os pontos positivos e negativos da prática pedagógica vivenciada. O presente relato está baseado na experiência adquirida durante a disciplina Estágio Supervisionado em Geografia III, por meio da observação e da prática em sala de aula na turma do 9º ano B da Escola Estadual Professor José Rollemberg Leite, localizado no município de Aracaju. O objetivo do estágio foi analisar criticamente a prática pedagógica em Geografia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- O Ensino de Geografia

O Ensino de Geografia deve ir além dos conteúdos, deve ser um ensino voltado para a formação política do educando. Para isto, é necessário considerar o aluno como sujeito do processo de ensino-aprendizagem e tornar o conhecimento científico acessível ao educando, “falar a sua língua, ou uma língua que ele entenda” (MOURA; ALVES, 2002).

No contexto das especificidades da educação escolar, o ensino de Geografia é de extrema importância para a formação do aluno. Sendo ele um dos organismos que participa da promoção do ser humano como indivíduo livre e consciente. Isto significa que seu ensino deve ser direcionado a educar indivíduos não apenas para o que eles são, mas principalmente para o que eles podem vir a ser (DUARTE, 1996).

Oliveira (2006) defende que o ensino de Geografia deve ser pautado nas contradições, disfunções e tensões existentes na sociedade mais próxima, na família, na escola, no município. Tais problemas devem ser tratados, isto é, conhecidos e analisados para que o aluno se perceba como um indivíduo que faz parte daqueles grupos e que poderiam ter voz ativa, ser participantes nas decisões. E, acima de tudo, para perceber que o seu território e o do seu município são construídos pelo movimento dos homens e envolvem interesses que podem ser localizados, reconhecidos e entendidos no processo da vida cotidiana.

É interessante reconhecer que o estudo da geografia deve acontecer a partir das experiências concretas dos alunos e os conteúdos deverão ter conexão e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para a aprendizagem. “Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia (RESENDE, 1986).

O educador, comprometido com a transformação social, precisa buscar, nas dificuldades dos seus educandos, uma didática que surja dessa ação, e que, na prática educativa, o diálogo gerado entre educando e educador possa mostrar caminhos para a construção de uma pedagogia crítica e comprometida com a parcela da população marginalizada pelo sistema capitalista de produção. Assim, através da socialização do saber, que a escola passe a cumprir melhor seu papel, contribuindo com o desenvolvimento social, econômico, cultural, tecnológico e político de toda a sociedade (MOURA; ALVES, 2002).

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não basta somente a vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o conhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo (CALLAI, 2005).

A concepção sócio construtivista (...) concebe o ensino como uma intervenção intencional nos processos intelectuais, sociais e afetivos do aluno, buscando sua relação consciente e ativa com os objetos de conhecimento (...). Esse entendimento implica, resumidamente, afirmar que o objetivo maior do ensino é a construção do conhecimento pelo aluno, de modo que todas as ações devem estar voltadas para sua eficácia do ponto de vista dos resultados no conhecimento e desenvolvimento do aluno. Tais ações devem pôr o aluno, sujeito do processo, em atividade diante do meio externo, o qual deve ser inserido no processo como objeto de conhecimento, ou seja, o aluno deve ter com esse meio, (que são os conteúdos escolares) uma relação ativa, uma espécie de desafio que o leve a um desejo de

conhecê-lo (CAVALCANTI, 2005 in SOSA, 2010).

De acordo com SOSA (2010), os professores, por meio da perspectiva dialógica, precisam despertar nos seus alunos a perspectiva da formação ou construção de um discurso o qual chamamos de Linguagem Geográfica. A formação da consciência, das funções psicológicas superiores, ocorre, então, a partir da atividade do sujeito, com a ajuda de instrumentos socioculturais, que são os conteúdos externos, da realidade objetiva.

A prática correta do professor em sala de aula deve está assentada sobre três pontos principais: o conteúdo da área na qual é um especialista, sua visão de educação, de homem e de mundo e as habilidades e conhecimentos que lhe permitem uma efetiva ação pedagógica em sala de aula, existindo uma total interação recíproca entre esses diferentes polos (SANTOS, 2001).

2.2. A Disciplina Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia

A disciplina Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia para a formação de professores/educadores tem sido alvo de estudos constantes que revelam as suas potencialidades, mas também as dificuldades. Este é um momento na formação em que o graduando em licenciatura pode vivenciar experiências, conhecendo melhor sua área de atuação. De acordo com Pimenta e Lima (2004) o estágio é o eixo central na formação de professores, e é por meio dele que o profissional conhece aspectos indispensáveis para a formação da identidade e dos saberes do dia-a-dia.

Na mesma linha de raciocínio Menezes e Silva (2011), afirmam que o Estágio Supervisionado é fundamental ao oportunizar o primeiro contato do aluno com o mercado de trabalho, aumentando as possibilidades de ingresso deste no campo profissional, consolidando, deste modo, um futuro promissor. Para complementar essa afirmação, Francisco e Pereira (2004) afirmam que o estágio é um processo fundamental na formação do aluno estagiário, pois é desta forma que o mesmo faz a transição de aluno-estudante para professor-formador. E o estágio é um momento da formação em que o graduando pode viver experiências e conhecer melhor sua área de atuação, além de aprender a diagnosticar problemas e buscar soluções na sua futura profissão.

Assim, Braga (1999) coloca que a prática de ensino deve favorecer a descoberta, formando-se como processo dinâmico de aprendizagem em diferentes áreas de atuação no campo profissional, dentro de situações reais de forma que o aluno possa conhecer, compreender e aplicar a teoria na sua atuação. Deste modo, a Licenciatura, diferentemente das formações de bacharéis, possibilita essa oportunidade (VIEIRA, 1997).

A partir do Estágio, o aluno transformar-se-á no professor, apto para exercer sua profissão. Para isto é de fundamental importância para o acadêmico de licenciatura em geografia, ter suas experiências práticas, visto que, somente o conteúdo teórico em si, não capacita o indivíduo para a realidade em sala de aula. Os estágios no Ensino Básico devem ser ampliados para os cursos de Licenciatura, pois, a ampliação do tempo de atuação prática em sala de aula é que formará um bom profissional. Para o estagiário de geografia essa convivência é de suma importância, pois estes têm a oportunidade de colocar em prática o aprendizado teórico, como as representações, os conceitos e categorias geográficas.

Vieira (2009) enfatiza que a geografia como disciplina do currículo escolar, deve estar comprometida com a difusão de conteúdos teóricos que conduzam o aluno a compreender a organização espacial como um procedimento histórico que ocorre a partir do momento que os homens transformam a natureza para satisfazer as suas necessidades. Sendo assim, a autora supracitada discute que ao estudar este espaço, os conteúdos a serem apropriados pelos alunos devem ser aqueles que os conduza a compreender tanto os determinantes naturais como os histórico-sociais envolvidos na sua produção.

De acordo com Callai (1999), para que a geografia escolar seja eficaz na formação da consciência do aluno acerca de sua realidade é preciso que o professor conduza o aluno a compreender tanto a lógica espacial local como a lógica espacial global e, concomitante a isso, a articulação desta última com a sua realidade.

3. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ROLLEMBERG LEITE

A experiência de estágio, vivida durante a disciplina Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia II, I constituiu-se na observação e prática docente em Geografia na turma do 9º ano B da Escola Professor José Rollemberg Leite, sob a supervisão de a professora regente. O estágio foi realizado no período da manhã, durante o período de 5 à 30 de maio de 2014, às quintas e sextas-feiras.

3.1- Observações e Coparticipação

A Escola Estadual Professor José Rollemberg Leite funciona em três turnos de aula: i. turno da manhã das 07:00h as 11:30h com o Ensino Fundamental do 2º ao 5º ano; ii. turno da tarde das 13:00h as 17:30h com turmas do 6º ao 9º ano e turno da noite das 19:00h a 22:30h com turmas de ensino médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a missão da escola é “contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes, preparando-os para os exercício da vida profissional e para o desafio do mundo globalizado”. Para tal, está calcada em valores como “justiça, respeito, solidariedade e compreensão”.

Atualmente a escola possui 47 turmas, distribuídas da seguinte maneira: manhã (17); tarde (17) e noite (13). Com relação às condições físicas trata-se de uma escola de grande porte, com 17 salas de aula 1 biblioteca, 1 sala de professor, 1 almoxarifado, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 diretoria, 1 secretaria, 1 sala de coordenação pedagógica, 1 diretiva, 1 sala de orientação educacional, 1 sala de TV e vídeo, 1 sala de informática, 1 laboratório de ciências, 1 quadra de esportes coberta, 1 auditório, 1 depósito de materiais de limpeza, 1 despensa, 2 sanitários para os funcionários, 2 sanitários para os alunos e 2 sanitários para os portadores de necessidades especiais. Notou-se que a infraestrutura encontra-se um pouco deteriorada.

As observações da turma e a coparticipação aconteceram respectivamente nos dias 8 e 9 de maio de 2014. A professora do 9º ano B é formada em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe e concursada a nível superior na escola, sendo professora há aproximadamente doze anos. Segundo a educadora, os desafios da profissão estão cada vez mais difíceis, devido à falta de interesse, de limites e de respeito aos professores, descaso dos alunos e dos pais para com a educação.

Foi perguntado se ela consegue perceber quais os motivos dos problemas desses alunos, ela respondeu: famílias desestruturadas que transferem a reponsabilidade integral de educar para a escola. De acordo com a professora, a maioria dos pais não comparece as reuniões, contudo alguns destes apenas aparecem na escola no final do ano, quando os alunos reprovam.

Com relação aos alunos, observou-se que muitos deles não foram alfabetizados corretamente, mesmo tendo passado por outras escolas e alguns cursando mais de uma vez a mesma série. Essa alfabetização, como explica Borges e Brandão (2005, p. 19).

(..) é um processo que se inicia muito antes da entrada da pessoa na escola, visto que ocorre nas leituras que faz do mundo que a rodeia, através das diferentes formas de interação que estabelece. Essas leituras são convertidas em concretas aprendizagens, em conhecimentos que os (a) alunos (a) levam para a escola.

Sem essa alfabetização inicial, o aluno passa para o ensino fundamental maior despreparado para o aprendizado, precisando muito do professor, e deixando-o com grandes dificuldades e desvantagem perante a grande maioria.

Na observação, constatou-se que na turma observada estão matriculados alunos entre 14 e 16 anos. A maioria dos alunos reside nas adjacências da escola. De acordo com a direção alguns alunos vivem em um ambiente de desajustes familiares, com drogas e violência.

Os problemas sociais devem ser tratados, isto é, conhecidos e analisados para que o aluno se perceba como um indivíduo que faz parte daqueles grupos e que poderiam ter voz ativa, ser participantes nas decisões. E, acima de tudo, para perceber que o seu território e o do seu município são construídos pelo movimento dos homens e envolvem interesses que podem ser localizados, reconhecidos e entendidos no processo da vida cotidiana. É interessante reconhecer que o estudo da geografia deve ser consequente para os alunos, suas experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para a aprendizagem.

Ao questionar a coordenação sobre a existência e aplicabilidade do Projeto Político Pedagógico (PPP), esta respondeu que o mesmo era aplicado. Vale destacar que o projeto político-pedagógico é um elemento importante da organização escolar. Este é proposto com o objetivo de descentralizar e democratizar a tomada de decisões pedagógicas, jurídicas e organizacionais na escola, buscando maior participação dos agentes escolares. Previsto pela nova LDB/96 como proposta pedagógica (art. 12 e 13) ou como projeto pedagógico (art. 14, inciso I), o PPP pode significar uma forma de toda a equipe escolar torna-se corresponsável pelo sucesso do aluno e por sua inserção na cidadania crítica (LIBÂNEO, 2006).

Por meio do Projeto Político Pedagógico, a escola pensou o ensino de geografia pautado em práticas pedagógicas que permitam apresentar aos alunos os diferentes aspectos dos fenômenos sociais, culturais e naturais, de modo que os alunos possam construir compreensões novas e mais complexas.

No Projeto Político Pedagógico existi a proposta de interação da escola com a comunidade. Verificou-se que a escola realiza reuniões de pais, contudo a minoria se faz presente.

No planejamento da escola, estão previstos serviços de Atendimento Educação Especial (AEE) que juntamente com os demais serviços e instalações são mantidos com recursos provenientes dos Programas PDE Escola; PROFIN e PODE.

Durante as aulas observadas, a maioria dos alunos mostrou-se participativa e inquieta e a professora com domínios dos conteúdos. O método de ensino utilizado na aula observada foi o tradicional com aplicação de exercícios, em que a professora enaltecia constantemente sobre a importância de os alunos anotarem as respostas para estudarem para a prova.

Freire (2002) destaca que “o profissional precisa valorizar a busca de conhecimentos, lutar pelo desenvolvimento da profissão, levar seus serviços a toda população, sem qualquer tipo de discriminação, visando o bem-estar do seu aluno”. Tal valorização é fundamental para a formação de um aluno crítico e questionador. Discussões como a do texto “Fundamentos Teórico-Metodológicos do Ensino de Geografia” nos instiga a ser um professor transformador, que direciona o conhecimento para o debate, o questionamento.

3.2- Prática docente em Geografia

A prática docente em Geografia consistiu no planejamento das aulas, observações, prática em sala de aula, correções de atividades, pesquisa documental, elaboração de relatórios, dentre outros. Objetivou explorar os assuntos a partir da realidade do aluno; estimular as relações espaço-temporais por meio de textos, fotos, imagens, mapas, gráficos e atividades diversificadas e tornar os alunos sujeitos críticos do processo ensino-aprendizagem.

A metodologia utilizada nas aulas foi a abordagem qualitativa e sua utilização foi pensada por causa da complexidade dos temas. Neste sentido, as aulas seguiram o método fenomenológico, por esse ir além das aparências, trazendo a consciência ao sujeito, passando ao sujeito (aluno) o sentido necessário para entender a realidade.

O livro didático adotado na turma do 9º ano é “Geografia nos dias de hoje” de Giardino (2012, et al), Editora Leya. A aludida bibliografia interpreta o ensino da Geografia a partir da dimensão crítico-social, oferecendo subsídios para a formação de uma cidadania consciente, não ingênua.

Os recursos didáticos utilizados durante as aulas foram quadro, Datashow, livro texto, jogo educativo e mapas. O conteúdo trabalhado durante o estágio foi: “Trabalho, consumo e desigualdade”.

A prática em sala de aula aconteceu às quintas e sextas-feiras, conforme descrito a seguir: O primeiro dia de regência aconteceu em 15 de maio de 2014, das 7 às 8:40 horas. Os conteúdos destas duas primeiras aulas foram: “Novas Relações de Trabalho nos espaços globalizados; Consumo nos espaços da globalização”. No início da aula a estagiária explanou sobre a unidade no geral e lançou perguntas para serem respondidas no decorrer do desenvolvimento do assunto. A aula transcorreu normalmente; os alunos mantiveram-se em silêncio. Além da explicação, a estagiária anotou os tópicos da aula no quadro e estimulou uma discussão com os

O segundo dia de regência aconteceu no dia 16 de maio de 2014, das 7:50 às 8:40 horas. O tema desta aula foi “Consumo nos espaços da globalização”. Neste dia a aula foi mais produtiva. A chamada foi realizada no início da aula. Logo em seguida, a estagiária explicou o assunto, passou alguns pontos no quadro, solicitou que os alunos lessem o tópico no livro. A estagiária, nesta aula, para evitar grandes constrangimentos por parte dos alunos, deixou que eles se prontificassem a realizar a leitura, visto que, tanto na observação quanto na primeira aula observou-se que muitos não gostam de ler em voz alta e ficam envergonhados e realizar a leitura. No final da explicação, a estagiária propôs um jogo educativo de perguntas e respostas em que os alunos ficaram bastante entusiasmados em participar.

O terceiro dia de regência aconteceu dia 22 de maio de 2014. O tema desta aula foi “Consumo e Consumismo. A aula iniciou-se com a chamada e logo em seguida foi realizada uma revisão do assunto discutido na aula anterior, com perguntas e respostas rápidas. A estagiária, neste momento, percebeu que os alunos estavam a par da matéria já discutida, sendo que, apresentavam um “feedback” muito interessante. Para a abordagem do conteúdo utilizou-se Datashow, PowerPoint, reportagens e o livro didático.

O quarto e último dia de regência aconteceu no dia 23 de maio de 2014, com o tema “Desigualdades nos espaços globalizados”. Nesta aula iniciamos com a discussão da aula anterior, dando continuidade com a explicação do processo de colonização dos países subdesenvolvidos e emergentes. Neste dia utilizou-se um mapa para explicar a divisão do mundo entre países desenvolvidos, subdesenvolvidos e em desenvolvimento. Sabemos que esse é um momento de grande importância para o educando, pois ele precisa desenvolver o raciocínio de ver a realidade na representação e a representação na realidade. Para melhor fixação, nos trinta minutos da aula foi proposto um exercício de raciocínio rápido. Na aludida atividade, o aluno que respondesse mais rapidamente, era premiado com uma bala. A chamada foi realizada no final aula.

Vale acrescentar que todas as atividades desenvolvidas foram pensadas com a anuência do professor responsável pela turma e em toda a prática este se manteve presente. É preciso enfatizar também que muitas práticas não fugiram do trivial, pois se optou em respeitar a docente, que solicitou a celeridade no término do conteúdo com a justificativa do

cumprimento do calendário letivo.

Portanto, a experiência do estágio foi gratificante, tanto profissionalmente quanto pessoalmente, pois mostrou uma outra realidade para a estagiária, uma convivência que não esperava que seria tão boa. Os alunos quando sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem se comportaram e mostraram-se interessados. Contudo, quando submetido à atividade monótona, ficaram impacientes e agitados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina prática de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia III, no que diz respeito à formação de educadores, é importante uma vez que pode-se vivenciar *in loco* as dificuldades encontradas por alunos e professores na educação brasileira. Vivenciar a realidade da escola pública é fundamental para que os alunos do curso de licenciatura compreendam os desafios dos professores.

A vivência da prática pedagógica é proveitosa por inserir o estudante no meio que se exerce a profissão e por possibilitar que os alunos aprendam na prática o conhecimento de como um professor deve se portar perante uma sala de aula.

A geografia trata de temáticas que traduzem o cotidiano de cada cidadão, contudo, entender o espaço geográfico e suas transformações, sugere ter uma visão crítica dos fenômenos. E para compreender os aspectos físicos da natureza e entender sobre as ações humanas requer leituras do tempo em escala diferentes, sendo um tema complexo, portanto, o docente da geografia deve estar atento ao planejamento de suas aulas.

Durante as observações pode-se perceber as dificuldades dos alunos em desenvolver seus conhecimentos, principalmente pela deficiência em interpretação de textos. Para mudar esta realidade faz-se necessário uma educação que forneça bases sólidas de pensamento ao indivíduo para que este venha detectar as contradições de sua realidade e, a partir disto, possa pensar num projeto global de transformação social. É crucial uma educação articulada com uma proposta pedagógica, cujo ponto de referência seja a transformação da sociedade e não a sua manutenção e perpetuação.

Desta forma, o papel do professor de geografia é auxiliar o aluno a entender as relações entre sociedade e natureza e enxergar a realidade, observando e caracterizando os elementos presentes na paisagem como o ponto de partida para analisar as transformações causadas pelas atividades econômicas, hábitos culturais ou questões políticas, expressas de diferentes maneiras no próprio meio em que os alunos vivem.

Por fim, vale destacar a importância de um ensino interdisciplinar e contextualizado, uma vez que as relações no mundo fora da escola são feitas como redes que se interligam, e como a escola é uma instituição social formadora esta realidade não pode ser negada aos alunos por meio da fragmentação do conhecimento. Isto posto, entende-se que a escola não pode ser usada somente como um agente de controle social.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Amélia Eloy Santana. **Estágio Supervisionado/Prática como componente curricular**, 1999. Disponível em internet. <http://www.ucb.br/edfisica/estagio.htm>. Acesso em 26 jun. 2012.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia**, Ijuí: Edunijuí, 1999.
- FRANCISCO, C. M. e PEREIRA, A.S. Supervisão e Sucesso do desempenho do aluno no estágio, 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd69/aluno.htm>. Acesso em 06 Jul. 2012.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- GIARDINO, Cláudio (2012, et al). **Geografia nos dias de hoje**, Editora Leya.
- MOURA, J.D.P; ALVES, J. **Pressupostos teórico-metodológicos sobre o ensino de geografia: Elementos para a prática educativa** *Geografia* - Volume 11 - Número 2 - Jul/Dez. 2002.
- OLIVEIRA, M.M. **A geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino**. Revista Discente Expressões Geográficas, Florianópolis – SC, Nº02, p. 10-24, 2006.
- PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- RESENDE, M. S. **A geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino**. São Paulo: Loyola, 1986.
- SANTOS, S. C. O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”. **Caderno de pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 8, nº 1, janeiro/março 2001.

VIEIRA, Elaine Cristina. **Socialização, opção profissional e representação na Educação Física**. Revista Motriz. Rio Claro, v. 3, n. 1 p 44-49, Junho, 1997. <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n1/premia5.pdf>. Acesso em 08 Jun. 2012.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico e o referencial curricular nacional para o ensino de geografia**: para um ensino de geografia além da realidade imediata do aluno. EGAL, 2009. Disponível em: www.egal2009.easyplanners.info/.../3229_RAMOS_VIEIRA_NOEMIA.do. Acessado em 29 de Maio de 2013.

Ivana Silva Sobral

Bióloga, licenciada em Geografia, Dra. Em Geografia, Bolsista de Pós-doutorado (PNPD/CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

Recebido em: 27/06/2015

Aprovado em: 28/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: